

## O MOVIMENTO DE JESUS ENTRE A RENOVAÇÃO E A RUPTURA

O movimento de Jesus tem semelhanças com os movimentos de renovação e de resistência que surgiram durante a presença do poderio romano na Palestina. Para falar do movimento de Jesus precisamos clarear, primeiramente, em que fontes literárias nos baseamos para descrevê-lo. Além disso, o específico do perfil de Jesus e de seu movimento despontará ao ser comparado com outros movimentos e grupos que ora se aproximam ora se distanciam uns dos outros.

### Em busca do Jesus histórico

O Novo Testamento quer ser testemunho da comunidade primitiva sobre Jesus como Senhor, crucificado e ressuscitado.

Os evangelhos querem, antes de mais nada, responder a perguntas e desafios das comunidades de fé em que as memórias sobre Jesus foram narradas ou a quem são destinadas agora como texto escritos. Os evangelhos sinóticos (Mt, Mc, Lc) e o quarto evangelho (João) têm interesse teológico antes de histórico.

Onde fala o Jesus da história, onde se proclama o Cristo da fé?

Como fontes para reconstruir o que Jesus e seu movimento propunham, temos que nos ater ao material que preservou, de alguma forma, a fala do profeta e rabi de Nazaré. Essa poderá ser encontrada em ditos de Jesus e nas parábolas sobre o reino de Deus. Na comparação com os outros movimentos contemporâneos terá que se cuidar que a posição assumida por Jesus seja extraída desse material mínimo.

## Jesus de Nazaré e João Batista

A partir do quadro desenhado na aula anterior, o movimento de Jesus nasce em meio a uma crise desencadeada por tensões internas na própria sociedade judaica no fim do período hasmoneu, bem como a partir da crise suscitada pela presença romana na Palestina.

E mais do que isso. O movimento de Jesus não é apenas reflexo de uma crise; ele quer ser também uma proposta para superar tensões ou ao menos uma proposta para reduzir tensões que geram discriminação, condenação mútua, agressão e violência.

As tendências majoritárias dos movimentos de resistência e de renovação desse período nascem da utopia messiânica, apresentando seu líder como novo Davi e rei messiânico ou, então, nascem do novo êxodo, na qual o líder conduz, qual Moisés, seu povo para o deserto, formando o verdadeiro Israel. Este é caso de João Batista que nos interessa aqui, mas também os essênios. Um outro grupo ou movimento intrajudaico parte novamente da Lei como fonte de renovação.

Começemos com João Batista.

Em primeiro lugar, chama a atenção que os evangelhos apresentam Jesus muito próximo do movimento do Batista do Jordão. Uma avaliação apressada resumiria a diferença apenas no que diz respeito às consequências:

O movimento de Jesus teria tido mais sucesso; a repressão ao movimento e a morte do líder surtiram um efeito contrário: o grupo se fortaleceu ao invés de ser abafado pelo poder romano.

Numa fase inicial, talvez Jesus e o movimento de João até formassem um só movimento profético de renovação, anunciando o juízo e o reino de Deus e conclamando a uma mudança de mentalidade de vida, a metánoia.

Exteriormente, eles começam a se diferenciar quando um chama seus seguidores para o deserto, instigando-os a abandonar a sociedade corrupta para chegar até o batismo no Jordão. Ninguém escaparia ao juízo de Deus iminente sem a conversão e arrependimento, simbolizado no batismo.

A vida ascética do líder João Batista ia lado a lado com o seu distanciamento geográfico da sociedade.

Também Jesus é pregador itinerante, mas vai até as aldeias e comunidades; talvez evitasse as cidades maiores e se identificasse mais com o mundo rural, mas ele não se distancia geograficamente da sociedade para ir ao deserto, nem se identifica com a prática de jejum do movimento batista. Não, pelo contrário, é visto participando de refeições em casas, e opositores até o chamam de “glutão e bebedor de vinho” (Mt 11,18-19).

A consciência de que o futuro já invadiu o presente começa a ganhar corpo na pregação de Jesus.

Ele questiona os críticos de sua postura, pouco condizente com um profeta andarilho e pregador do juízo e do reino de Deus, como o João o representa, com a pergunta: “Podem porventura jejuar os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles” (Mc 2,19a).

O temor diante do juízo e do reino muito próximos é substituído na pregação de Jesus pela certeza dos tempos de alegria. O reino que irrompe é descrito com metáforas como banquete de bodas, tesouro no campo e pérola de alto valor. O reino de Deus anunciado não é só evento futuro; já é presença da graça que poderá marcar todas as relações e todos os comportamentos. Qualquer mudança de rumo é possível não por causa de um clima de medo diante do juízo próximo, mas por causa de um clima de festa e de confiança porque o domínio de Deus faz bem já agora e traz salvação.

Essa é tônica do ensino de Jesus através das parábolas sobre o reino de Deus:

Aonde Deus chega com seu domínio ganha espaço a alegria, a aceitação incondicional, o perdão; o clima de medo e de ansiedade não precisa mais determinar a vida das pessoas que confiarem nesse anúncio do reino, feito pelo pregador itinerante.

A diferença fundamental entre os dois movimentos pode ser caracterizada assim:

O movimento de João prega a mudança de mentalidade e de vida, visualizada no batismo, mas a motivação para tal é o medo do juízo divino iminente;

O movimento de Jesus quer a metánoia por causa da alegria do reino futuro já invadindo o presente.

### **Jesus, o reino de Deus e a Lei**

O movimento de Jesus se insere entre aqueles que buscam reagir à crise instalada na sociedade judaica. O grupo dos fariseus, fiel à Lei mosaica, inquire Jesus quanto a sua relação com a Torá, e obtém a resposta: “Não penseis que vim revogar a Lei e os profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento...” (Mt 5,17). Grande parte do que conhecemos como Jesus mestre, além de profeta, nasce de controvérsias e diálogos com esse grupo.

Em 95 dC Flávio Josefo relata que havia nada menos que 6.000 representantes do farisaísmo na Palestina. Após a destruição do templo em 70 dC, eles se tornariam o grupo de sustentação ao judaísmo. Graças à atuação efetiva de fariseus o judaísmo se preservou até nossos dias.

Então a pergunta: Por que Jesus de Nazaré não se somou a eles, fortalecendo essa via de renovação que nasce do interior das Sagradas Escrituras judaicas?

Fato é que a atualização, a implementação e o apego à Tora, de escribas e fariseus, não coincidem com a leitura feita pelo rabi e profeta Jesus. Para o grupo que se entende fiel à Torá, a Lei é vontade de Deus que deve ser praticada para que o verdadeiro Israel se constitua. Aqueles que não fossem seguidores da letra e do espírito da Torá estavam excluídos. O resultado era um radicalismo ético, produzindo um clima de medo, de controle, de agressão e de mútua exclusão. Quantos não ficaram à margem dessa comunidade da Torá!?

Jesus questiona se este era o espírito original da Lei. Afirmaria então que a observância dos mandamentos contidos na Torá não é condição para que o reino de Deus se estabeleça ou para que Israel se torne povo de Deus. Jesus contesta os fariseus, aprofundando os preceitos éticos. Por exemplo: a lei que proíbe o assassinato no Decálogo, “não matarás”, é radicalizada com a antítese: Já a pessoa que alimenta ira e ódio não é melhor do que o assassino (Mt 5,21-22). Ou seja, também essa pessoa já estaria excluída da comunidade, quanto mais do reino de Deus.

A norma e a ética, radicalizadas por Jesus, confrontam seus opositores. Também eles teriam que reconhecer-se como infratores da Lei. Sem a dádiva do perdão como ponto de partida para a ação, a ética pode tornar-se autoenganação.

Lembremo-nos de que a tônica da pregação de Jesus é a alegria da presença de Deus em meio à realidade histórica. Jesus de Nazaré proclama a chegada do Deus que se antepõe a toda exigência ética, que se doa antes de pedir doação, que acolhe e inclui antes de rejeitar e excluir. Esse Deus tornaria até o impossível possível: o amor ao inimigo.

A vontade original de Deus manifesta na Torá é promessa antes de ser cobrança e exigência. É a afirmação da presença, de forma inaugural, desse reinar de Deus que Jesus apresenta à comunidade: abre as portas para partilhar da festa, acolhendo mesmo os que chegam sem presentes nas mãos. A prática do movimento de Jesus entrando nas casas, sentando à mesa parece simbolizar algo dessa visão de reino (Lc 14,15-24).

É de se perguntar: Não seria esse movimento pouco apropriado para lidar com a complexidade da sociedade em crise, provocada especialmente pela presença do império?

Um incidente representativo para a violência e a repressão do império pode nos ajudar neste ponto (Lc 13,1-3): Pilatos assassinou peregrinos galileus, em meio a um ritual de sacrifícios. A revolta é grande. Como Jesus se posiciona? “Acreditais que, por terem sofrido tal sorte, esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus? Não, eu vos digo; todavia, se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo” (Lc 13,2-3).

Jesus não isenta os romanos de culpa quanto ao uso da violência, mas também não afirma a superioridade de seus interlocutores. Há revolta represada em seus interlocutores judeus, sinal de que devolveriam a afronta caso tivessem condições. Jesus, entretanto, os convida a deixar para trás a mentalidade do “olho por olho, dente por dente” (Mt 5,38-42) e deixar-se envolver pelo Deus que inaugurou seu reino da graça e do perdão neste mundo.

### **Concluindo**

Esta é a nova proposta do pregador itinerante de Nazaré ao lado dos outros movimentos de renovação na Galiléia e Judéia da época:

A certeza de participar dos sinais do reinar de Deus libera energias transformadoras. O ódio dará lugar ao amor; a agressão dará espaço para a não-violência; a discriminação e a condenação de grupos inteiros poderão ser substituídas pela aceitação e pela partilha.

Não há como negar que o movimento de Jesus contava com a implantação total do reino para breve. Esperava-se que a geração dos seguidores e das seguidoras ainda presenciaria a chegada total do reinado de Deus (Mc 9,1), nos moldes de uma visão apocalíptica.

Seu domínio teria como centro geográfico a Palestina; para lá também convergiriam os povos dos quatro cantos da terra (Mt 8,10-11). Num brevíssimo espaço de tempo a região assistiria a uma mudança fundamental. O domínio romano teria seus dias contados. Não haveria tronos para distribuir, pois Deus ocuparia o único disponível.

Ações terroristas contra o Império Romano são substituídas pelas curas milagrosas. A mudança não acontecerá pelo uso da violência, mas através do agir milagroso de Deus, onde “os mansos possuirão a terra” e os pacificadores serão os principais agentes desse novo mundo de Deus (Mt 5,5.9).

Quando questionado por opositores sobre o quando do irromper do reino, Jesus responde que já é uma realidade atuante: “Se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o reino de Deus já chegou a vós” (Lc 11,20).

O movimento de Jesus sofre seu mais duro golpe com os acontecimentos em Jerusalém. As autoridades políticas e religiosas assumem o processo que acabaria com a execução do profeta e rabi de Nazaré da Galiléia. O que significa essa morte de Jesus na cruz em meio a tantos condenados à morte na cruz por causa de sua resistência ao império romano? Só na ocasião da destruição do

templo pelos romanos, em 70 dC, teriam sido erguidas 500 cruzes diariamente.

Depois de sua atividade itinerante no espaço ao redor do lago de Genezaré como proclamador do reino que está sendo inaugurado e como um mestre que ensina com autoridade, esse final de vida do líder carismático surpreende.

Seus opositores originais não eram outros?

Onde estão os fariseus, zelosos na prática da Torá, que tanto debate provocaram por causa da interpretação radical da Lei feita por Jesus?

A liderança religiosa da Galiléia, no mínimo, não se opôs quando o sinédrio em Jerusalém, presidido pelo sumo sacerdote e composto pela liderança leiga e sacerdotal, considerou Jesus digno de morte (Mc 11,18; 12,12; 14,1).

Quem provocou o confronto com a interpretação oficial da Torá, quem fez declarações duras contra o templo (Mc 11,15-19; Mc 14,58-59), quem atacou os fundamentos da comunidade judaica só poderia colher um clima de tensão com a aristocracia sacerdotal e seus privilégios. E, portanto, deveria ser condenado à morte. Para a autoridade romana, representada pelo procurador Pôncio Pilatos, mais uma rebelião por causa de um suposto “rei dos judeus” não poderia ser tolerada, muito menos em meio às festividades da Páscoa em Jerusalém.